

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA:
MOVIMENTOS E PROCESSOS IDENTITÁRIOS JUNTO À PROFISSÃO PROFESSOR**
TALAMIRA TAITA RODRIGUES BRITO
Centro de Estudos e Intervenção em Educação e Formação (Ceief), ULHT

Resumo

O Estágio Supervisionado nos cursos de formação de professores apresenta-se como condição básica para a formação do profissional que trabalhará com crianças, jovens e adultos em processos de escolarização. No caso do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), este estágio visa proporcionar experiências formativas para os graduandos junto à Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental. O objetivo deste texto é de apresentar um pouco dessa experiência como professora de Estágio e apontar a importância, bem como a necessidade de encontrar no Estágio Supervisionado um espaço de movimentos Identitários junto à profissão de professor. Aparentemente é lugar comum esperar que o estágio de fato se apresente como essa ponte entre a realidade dos alunos da graduação com a realidade profissional que os espera após sua formação, porém a partir de nossos trabalhos realizados como orientadora, supervisora e coordenadora junto a essa disciplina, percebemos que por muitas vezes é no Estágio, e somente no Estágio que tal aluno consegue se perceber como pertencente a um grupo que tem saberes específicos, como sendo responsável por outros sujeitos e se reconhece como partícipe de um processo que envolve outras histórias, outros atores. É nesse ambiente que pretendemos ampliar nosso debate. Por muitos anos no Estágio, os alunos afirmavam que não seguiriam a profissão de professor em sala de aula por acharem que depois da experiência vivenciada por eles não “levavam jeito para a coisa”, “não sabiam planejar aulas eficientes”, ou que de “fato não sabiam cuidar de crianças”, nem tão pouco gostavam da situação precária social que os professores se encontravam/e ainda se encontram nas escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental – Series Iniciais no Brasil. A partir do ano de 2002, a disciplina de estágio Supervisionado passou a gerar espaços de maiores diálogos entre as escolas da comunidade, os alunos/estagiários e professores/orientadores quando percebemos o grau de responsabilidade que tínhamos como professoras, que para além de ensinar conteúdos destinados aos saberes docentes, éramos também responsáveis por apresentar a importância de uma “felicidade” junto à sua profissão. Os percursos trilhados por esta disciplina tentou fortalecer questões inerentes ao ser professor, ao que é a escola, à carreira e o aprendizado contínuo, afagou as questões inerentes ao papel do professor para a sociedade, para a história das profissões e tentou situá-los na condição de continuidade nos processos identitários junto à profissão. Para tanto recorremos a um trabalho coletivo junto à comunidade de professores, coordenadores pedagógicos, diretores, orientadores de estágio e estagiários na perspectiva de renovar o sentido do estagiário na escola, do professor regente e dos próprios orientadores nesse processo formativo. Os diários de bordo, as reuniões semanais com todos os sujeitos envolvidos no processo, bem como espaços para estudos sobre a escola básica/professor/campo de trabalho foram elementos imprescindíveis nesse *reconhecimento de si*. O texto oferece assim uma referência para trabalhos na área, possibilitando a ampliação dessa discussão que vive de movimentos da prática para se renovar e renovar os estudos do tema em questão.

Palavras-chave: Escola Básica; Movimentos Identitários; Formação de Professores; Profissão Professor; Estágio Supervisionado.

Abstract

The Period of training Supervised in the courses of formation of professors is presented as basic condition for the formation of the professional who will work with children, young and adults in schooling processes. In the case of the Course of Pedagogy of the Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), this period of training aims at to provide formative experiences for the Pedagogy's students next to the childish Education and early Series of Basic Education. The objective of this text is to present a little of this experience as teacher of Period of training and to point the importance, as well as the necessity of to find in the Supervised Period of training a space of identity movements next to the professor profession. Apparently it is common to wait that the period of training in fact presents as this bridge between the reality of the students of the graduation with the professional reality that they will face after their formation, however from our carried through works as orienting, supervisor and coordinator next to this disciplines, we realized that for many times it is in the Period of training, and only in the Period of training that such students got to find themselves belonging to a group that has specific knowledge, as being responsible for other citizens and they recognize themselves as participants of a process that involves other histories, other actors. It is in this environment that we intend to extend our debate. For many years in the Period of training, the students affirmed that they did not follow the carrier of professor in classroom for believing that after the experience lived for them "they did not take skill for the thing", "did not know to plan efficient lessons", or "in fact they did not know to take care of children", nor they liked the social precarious situation in which professors were and still are in it in the schools of Infantile Education and Basic Education - Initial Series in Brazil. Since 2002 the disciplines of Supervised period of training started to generate spaces of bigger Dialogues between the schools of the community, the pupils/trainees and orienting professors when we realized the responsibility that we had as teachers, beyond teaching contents destined to the knowing professors, we were also responsible for presenting the importance of a "happiness" next to its profession. The paths trodden by this discipline tried to fortify inherent questions to the being professor, to the what it is the school, to the career and the continuous learning, fondled the inherent questions to the paper of the professor for the society, to the history of the professions and tried to point out them in the condition of continuity in the identity processes next to the profession. For in such a way we appeal to a collective work next to the community of professors, pedagogical, managing, orienting coordinators of period of training and trainees in the perspective to renew the direction of the trainee in the school, the professor regent and the proper people who orientates in this formative process. The logbooks, the weekly meetings with all the involved citizens in the process, as well as spaces for studies on the basic school/professor/work field had been essential elements in this recognition of itself. The text offers thus to a reference for works in the area, making possible the magnifying of this quarrel that lives by movements of the practice to own renew and to renew the studies of the subject in question.

Keywords: Basic School; Identity Movements; Teachers training; Teachers Carrier; Supervised Period of training.

Introdução

- Professora, preciso falar uma coisa com a senhora: não quero fazer o estágio!
- Mas o estágio faz parte de seu processo para terminar o curso de Pedagogia e efetivamente vivenciar algumas experiências de sua profissão.
- Acontece que não me sinto preparada e não quero ser professora de crianças. Queria mesmo era trabalhar com coordenação escolar... queria ser coordenadora pedagógica!

Esse tipo de diálogo entre professores de Estágio e alunos estagiários tem sido lugar comum em nossas vivências nas disciplinas de prática de ensino. Cada vez mais o número de alunos insatisfeitos com a forma como o curso caminha e os prepara para essa relação com a vida profissional tem sido manifestações que nos fazem questionar vários aspectos do curso de Pedagogia, de uma forma geral, e em particular, as disciplinas responsáveis pelos Estágios.

Com base nessas observações um grupo de quatro professoras recém concursadas em 2001 para a área de Metodologia e Prática de Ensino de um curso de Pedagogia, organizou duas disciplinas obrigatórias de Estágio Curricular na Educação Básica, mobilizando todos os sujeitos e espaços envolvidos nesse processo: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Secretaria de Educação do Município de Jequié/Ba, escolas locais, regentes de classes, pais de alunos, coordenadores pedagógicos e diretores de escola, estagiários e professores de outras disciplinas do curso de Pedagogia. Assim, aos poucos fomos forjando um lugar legítimo do Estágio no processo formativo, como um bem para as licenciaturas, como uma condição de responsabilidade social de todos que estão envolvidos nesse processo e como um lócus de aprendizagem contínua de todos.

Dessa forma, para este artigo, apresento um pouco dessa experiência como professora de Prática de Ensino e aponto, à minha maneira, a importância, bem como a necessidade de encontrar no Estágio Supervisionado um espaço de movimentos Identitários junto à profissão de professor e um espaço que pertence ao coletivo e não mais a um curso, a uma instituição, a um grupo de professores e alunos, pelo contrário, pertence a um grupo social que precisa estar envolvido na formação do outro, outro esse que retorna como professor de crianças para as mesmas escolas quando assumem as vagas em concursos públicos e, portanto um outro/eu, que precisa passar pelo processo de “iniciação na carreira”.

Para tanto, é pretensão desse texto responder a três perguntas iniciais: O Estágio Supervisionado se caracteriza de que forma no âmbito da formação de professores? Como está caracterizado o curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Campus de Jequié? Quais movimentos têm sido possíveis para tornar o estágio um lugar de construções de processos identitários junto à profissão professor?

Nossa perspectiva para este momento não é esgotar as possibilidades de reflexões em torno de tais perguntas, mas de apresentar algumas respostas que encontramos ao longo desses anos e que possa fomentar em outras pessoas uma reflexão mais complexa sobre o formar outros sujeitos, outros profissionais, e como pode ser possível fazer da atividade de estágio um ponto de partida/chegada na compreensão do que significa ser estudante de pedagogia e futuro professor da Educação Básica – da escola de Educação Infantil e Anos Iniciais.

1. O Estágio Supervisionado se caracteriza de que forma no âmbito da formação de professores?

As questões que envolvem o Estágio Supervisionado nos cursos que formam professores a cada momento histórico obedecem a propósitos das mais variadas ordens. Se num momento de final do século XIX e início do século XX, nós tínhamos uma preocupação em fazer um professor normalista imagem/semelhança de seu mestre, e para atender a poucos alunos, o estágio era visto como um espaço de transmissão de ensinamentos e comportamentos sobre o ser professor. Em meados

do século passado com a popularização da escola básica, e com as influências de estudos sobre a mulher, a mãe, a esposa, a formação dada nas escolas normais se voltou para uma idéia de professora cuidadora de pessoas: ora maridos, ora filhos, ora alunos, descaracterizando aos poucos esse lugar de mestra, para lugar de tia/mãe/cuidadora.

Num momento mais contemporâneo, reflexo desses altos e baixos, e de um processo de desvalorização da profissão professor, com bases nos estudos em torno do ser professor, ser aprendiz, ser autônomo em suas atitudes, pensa-se num professor capaz de assumir sua autonomia, sua crítica e sua possibilidade de ajudar na transformação de uma realidade.

Embora essas questões estejam postas no movimento das idéias pedagógicas, correntes epistemológicas e em movimentos filosóficos e políticos, compreendemos que muitas características são transversais na condição histórica do professor e sua formação – o estágio é uma dessas características.

A contribuição das teorias da Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento, das discussões sobre formação do professor e seu processo identitário, bem como a formalização legal de artigos que definem algumas práticas mínimas nos cursos de formação de professores, anunciam um emaranhado de relações que permeiam a disciplina de Estágio Supervisionado, foco de nossas reflexões.

A disciplina Estágio Supervisionado desde o momento de sua criação nos primeiros cursos normais oferecidos no Brasil, o primeiro datado de 1833, teve como propósito tornar uma parte do curso de formação de professores em prático – aprender a ser professor. Segundo Pimenta (1997), até 1946 os Cursos Normais eram regidos por leis estaduais, ou seja, cada estado se responsabilizava para compor os cursos que formavam professores, e as nomenclaturas das disciplinas destinadas a prática pedagógica variavam de acordo com cada lugar. A Lei Orgânica do Ensino Normal de n. 8530/46, chega como forma de unificar a modalidade de Ensino Normal no país.

Na verdade, de acordo com o movimento das tendências pedagógicas (tradicionalistas, críticas, crítica social dos conteúdos, histórico-cultural ou ainda a linha histórico-crítica), a disciplina tomava um corpo filosófico diferenciado sobre sua finalidade mas se mantinha sempre como condição necessária a prática da profissão. Desta forma, é comum – quase que tradição, pensar a disciplina estágio sempre com um viés voltado para “mostrar ao professor-aprendente” como se tornar professor. E isso permanece até hoje.

Essa propriedade que se manteve na disciplina no decorrer da história dos cursos de formação de professores: o antigo curso normal e as licenciaturas de uma maneira geral, de ser o espaço no qual se aprende a ser professor não deve ser desmerecida, pelo contrário, deve ser valorizada, mas também repensada. A separação histórica entre teoria e prática da qual Freitas (1996) se refere soa como um reflexo do que historicamente a disciplina apresenta nos cursos de formação de professores. Primeiro o sujeito apreende o teoria, para depois fazer a prática como resultado de uma separação racionalista entre sujeito que aprende e o objeto que é apreendido.

Assim a autora continua afirmando que, (1996, p.78)

A disciplina prática de ensino e estágios supervisionados, no contexto do curso de Pedagogia, sofreu sempre dos mesmos males resultantes das indefinições em relação à identidade do curso – sua estrutura propedêutica – e do próprio profissional que pretendia formar o pedagogo. Lidou sempre com contradições presentes nas dicotomias especialistas *versus* generalistas, formação geral *versus* formação específica.

Compreendendo a necessidade de manter nos cursos de formação de professores uma disciplina como essa é que refletimos como pensá-la a partir dessa tendência primeira, ou melhor dizendo, dessa representação.

Para Pimenta (2004, pp. 127-129)

a realidade do contexto atual da sociedade e da escola; o conhecimento da universidade, as saberes de seus docentes, sua cultura, crenças, valores, e ávida dos professores, a organização, os hábitos, os conhecimentos da realidade do ensino fundamental e médio; a possibilidade de integração acadêmica, a experiência profissional e a prática dos professores-alunos estagiários e os novos conhecimentos; a formação acadêmica, a experiência profissional e a prática dos professores-alunos estagiários e os novos conhecimentos; as expectativas dos professores-alunos estagiários e da escola em relação à proposta de estágio; os desafios da educação como prática histórica que se vincula ao processo civilizatório e humano e os problemas sociais, como o desemprego e a violência.

Nesse sentido, o estágio deve ser visto para além de uma disciplina cumpridora de créditos ou indicadora de formas de como se tornar professor. Ao contrário, o estágio é visto como possibilitador de reflexões acerca das escolhas, dos problemas enfrentados na dinâmica da sala de aula e do tornar-se professor. A relação do estágio com a realidade social é uma proposta de reorganização da disciplina – é uma relação estabelecida a partir da complexidade entre escola, sociedade, sujeitos e formação.

Para darmos continuidade a nossa reflexão seria importante apresentar algumas questões pertinentes a docência e ao seu significado diante da organização do pensamento sobre estágio, vez que é a docência identifica o profissional da educação – o seu exercício docente.

Para Tardif (2002, p. 16),

“... os saberes de um professor são uma realidade social materializada através de uma formação, de programas, de práticas coletivas, de disciplinas escolares, de uma pedagogia institucionalizada, e são também, ao mesmo tempo, os *saberes dele* ...”

O saber do professor, ou melhor, da docência, é plural. Advém da família, da escola que o formou, da universidade, de seus pares, da sua origem social, dos cursos de formação profissional, das instituições em que trabalha/trabalhou. Assim, é temporal, resultado de uma história de vida e de carreira profissional, não se limitando à história familiar e/ou escolar. A carreira profissional é marcada por um processo temporal que requer aperfeiçoamentos, leituras, experiências, ou seja, engajamento político, técnico e humano para a sua formação.

Faz-se necessário, então, pensar na docência numa perspectiva de formação que gire em torno de ligar o geral ao particular e vice-versa, para podermos perceber o mundo e, ao mesmo tempo, pensarmos sobre nós mesmos, o que fazemos e sobre o nosso relacionamento com o este mundo.

Segundo Freire (1996, p. 60):

“O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem tem nada a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.”

Nesse sentido, a docência e o estágio devem ser entendidos como algo que permita o exercício da reflexão, da pesquisa, da cooperação e da ação para que possamos refletir, tomar decisões e novos rumos a partir “de um trabalho pedagógico no qual não existam responsabilidades individuais, mas corresponsabilidade; não exista produção individual, mas compartilhada; não exista poder de cátedra, mas diálogo.” (D’Ávila, 2003, p. 275).

Sendo assim, podemos afirmar que não somos profissionais inertes, nem tampouco “idiotas culturais”, incapazes de julgamento e sim partícipes de movimentos de transformação social via docência. A atividade reflexiva nos meios educacionais é o olhar que caminha para a inseparabilidade entre o ensino e a pesquisa. Esta se faz necessária, porque sem a mesma pode-se levar a uma aceitação não crítica de práticas pedagógicas opressivas e unilaterais.

Desse modo torna-se necessário pensar numa relação entre estágio e docência como espaços que anunciam possibilidades a todo tempo. Possibilidades para pensar, fazer, refazer, compreender, não entender, enfim, possibilidade de se fazer entender que conhecer é um ato de mão dupla.

Em nossa experiência a docência se situava em duas etapas: conhecer a realidade local, conhecer os sujeitos que organizam, administram, pensam a educação no município e ao mesmo tempo criar laços com os nossos professores-alunos. Depois, as propostas de trabalho eram organizadas coletivamente com o objetivo de fazer valer o estágio como foco de articulação entre as políticas públicas do município em questão, os professores e comunidade escolar e nosso olhar pedagógico diante da situação.

A situação é desafiadora, isso podemos afirmar, porém é importante lembrar que estágio é um momento de também tornar-se professor. Nesse sentido, acreditamos que as nossas aulas, assim como as visitas ao campo de trabalho, em cada unidade escolar, participar do dia a dia dos professores-alunos, assim como se deixar penetrar pela realidade das escolas, dos sujeitos envolvidos no processo, nos tornou mais professores de estágio, reforçou em nós a nossa condição docente, reanimou a nossa docência.

2. Como está caracterizado o curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Campus de Jequié?

O curso de pedagogia da UESB - Campus de Jequié, foi aprovado pelo Conselho Estadual de Educação em 1997 e através da Resolução nº 84/97 duas formações foram propostas: uma, em Séries Iniciais do Ensino Fundamental, outra em Disciplinas Pedagógicas do Magistério de II Grau. A primeira oferecida sempre no oitavo semestre de curso com o propósito de favorecer experiências nos primeiros quatro anos do Ensino Fundamental, e a segunda no sétimo semestre, com o objetivo de propiciar vivências nas disciplinas do Magistério (Didática, Estrutura e Funcionamento de Ensino, Psicologia da Educação, Filosofia da Educação, Sociologia da Educação e História da Educação).

Este curso já abrigava em sua estrutura curricular, desde que fora implantado, problemas na forma como estavam organizadas e dispostas às disciplinas que confluíam para o Estágio Supervisionado, lembrando o antigo esquema 3 + 1, já tão criticado, que originou na década de 30 os cursos de licenciatura. Nos primeiros três anos, as disciplinas dos chamados Fundamentos da Educação, portanto teóricas, e no último ano as disciplinas chamadas de práticas, dentre elas o Estágio Supervisionado. Assim, a relação estabelecida inicialmente com o estágio pressupunha apenas um cumprimento de tarefas, de carga horária de disciplina como mais um componente curricular, até a nossa chegada na Instituição.

Não destoando em nada das tendências criticadas pelos órgãos e associações nacionais, no que concernia a dicotomia teoria e prática, a formação do especialista ou do generalista nos cursos de Pedagogia no Brasil, nosso curso mantinha a característica do Estágio como sendo uma coroação da perspectiva histórica de formar um licenciado em Pedagogia.

O nosso desafio, portanto, era de fazer da experiência do estágio, mesmo dentro desse sistema que julgávamos defasado, uma atividade de vivência capaz de elucidar questões do ponto de vista da formação do professor com seus saberes, características singulares diante de outras profissões e manter a disciplina de Estágio como sendo um ponto de partida/chegada em nosso propósito de formar nossos professores.

Assim sendo, fizemos duplas para a organização dos Estágios e organização das disciplinas. Cada uma delas com carga horária de 90 horas semestrais, composta de créditos Teóricos e Práticos. Fazíamos da disciplina um espaço para discussões sobre as questões pertinentes ao processo de formação de professores, de ensino-aprendizagem, avaliação e organização e planejamento do trabalho

pedagógico, bem como aproveitávamos para mobilizar saberes em torno da feitura de material didático-pedagógico.

Paralelo a este movimento, passamos a fazer reuniões com as escolas para apresentar o nosso objetivo junto às parecerias, a função social e política do estágio, a função dos sujeitos envolvidos nesse processo e qual a importância disso para os nossos futuros professores.

No início encontramos várias resistências, dentro e fora da universidade. Dentro por conta de uma rivalidade entre disciplinas que se justifica pela forma como o currículo foi organizado: super carga horária por semestre; disciplinas que poderiam fazer trabalho e avaliação conjunta, mas os princípios da disciplinaridade não permitiam, dificultando assim o desenvolvimento geral de todos os conteúdos e atividades; necessidade de espaço melhor para a disciplina – salas de aula apropriada para o trabalho; dinâmica diferenciada para a compreensão do trabalho do professor que ministra a disciplina e material ausência de material de trabalho diversificado para propor uma disciplina que de fato garanta algumas construções coletivas de material didático-pedagógico.

Fora da universidade, tivemos que reconstruir a disciplina perante a comunidade, considerando um histórico de falta de comunicação entre a universidade/curso com a secretaria de educação, com as escolas, com os professores; a falta de crença no trabalho dos estagiários como sendo de valia para a escola e para a formação de cada um deles; falta de cuidado do regente com os alunos-estagiários uma vez que não os auxiliava nos planejamentos e constituição das atividades e relacionamento em sala. Todos esses aspectos passaram por vários momentos, níveis de interação foram sendo tecidos e descobertas foram sendo realizadas.

O entendimento do estágio como um espaço pertencente a todos foi uma das maiores aquisições que vimos acontecer. A mudança de comportamento da Secretaria de Educação, das escolas (regentes, coordenadores, diretores e técnicos) foi sendo sentida semestre a semestre. A mudança do olhar de nossos alunos para seu curso, para disciplina e sua importância no bojo do processo formativo foi algo que surpreendeu a todos nós. Isso nos faz lembrar que a mudança se faz mudando, a partir de nós, para fazer mudança a partir do outro.

Quais movimentos têm sido possíveis para tornar o estágio um lugar de construções de processos identitários junto a profissão professor? Apresentando Conclusões

O reconhecimento da necessidade de se ter uma parte prática nos currículos dos cursos de Pedagogia, desde o seu surgimento, na década de 30, independente das formas como essas atividades práticas foram se desdobrando no decorrer da história do curso, só apontou para a certeza de que é impossível se preparar profissionais para atuar em nossas escolas sem um contato com a realidade.

O Estágio Supervisionado, compondo essa parte considerada prática do curso, revela que a natureza da formação do outro, idealizado por uma proposta curricular, é muito maior que a disciplina Estágio.

As parcerias encontradas, a partir dos diálogos conquistados entre secretaria municipal de educação, escolas, gestores, coordenadores, regentes de classe e universidade foram processos gestados ano após ano na medida em que as disciplinas passaram a ser mais que um espaço para o exercício da parte prática do curso. Quando nós, professores, tomamos dimensão de que o estágio é uma proposta de inserção social, tomamos também para nós a responsabilidade de ultrapassar as barreiras disciplinares, as barreiras acadêmicas para pensar numa relação de parceria e de trocas com todos os envolvidos no processo.

Quando uma instituição pública ou até mesmo privada se responsabiliza pela formação de um sujeito em uma dada área profissional, elas estão se comprometendo a fazer parcerias de trabalho para forjar um sujeito, no nosso caso, um professor de crianças que deverá ter um olhar crítico para sua

realidade social-histórica-cultural, para sua profissão, para seu compromisso com sua categoria de trabalho, com seus desejos e expectativas diante daquilo que escolheu para fazer.

Dessa forma, a Escola de Educação Básica deixa de ser um lugar que recebe estagiários em algumas unidades didáticas do ano letivo, para fazer parte integrante de um projeto maior, um projeto social onde todos os envolvidos compõem o processo formativo desses sujeitos.

Quando ouvimos anúncios como este que se segue, de um de nossos alunos é que reassignificamos cada vez mais o nosso trabalho junto a eles.

“Professora, andei pensando umas coisas... queria falar com a senhora... (A)

Pode falar! (P)

Eu gostei da experiência que tive no estágio supervisionado, acho que me sinto mais professora, mais feliz com a escolha que fiz... acho que quero continuar na profissão... pelo menos vou tentar! (A)

Que coisa boa, gosto de ouvir vocês me dizerem isso, fico feliz e achando que o estágio de fato é mais que uma disciplina na formação, ela é um meio de cada um de vocês tecerem seus caminhos e refletirem sobre si, sobre os outros... (P)”

Chegar no final de cada semestre, de cada estágio, tem nos possibilitado a felicidade de ouvir nas vozes de alguns de nossos alunos que a caminhada está apenas começando em sua vida profissional. Que a escola, a universidade, os professores que passam pela vida de cada um, tornam-se meios pelos quais eles vão se localizando no contexto das tramas e dos processos formativos e identitários.

Sendo assim, só posso finalizar reafirmando que formar professores para a Educação Básica, em especial, é fazer dela um espaço de acesso a processos de conhecimento, de reflexão e de assunção junto à profissão e que nada mais justo que encontrar nos cursos de formação um espaço chamado *Estágio Supervisionado* para que essa construção possa ser edificada.

Referências Bibliográficas

- Silva, C. B. (1999). *Curso de Pedagogia no Brasil: história e identidade*. Campinas: Autores Associados.
- Castells, M. (1999). *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra.
- D’Ávila, C. M. (2003). Pedagogia cooperativa e educação a distância: uma aliança possível? *Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade*. Salvador, 12, (20), 273-282.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freitas, H. C (1996). *O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios*. Campinas, SP: Papirus.
- Pimenta, S. G. & Lima, M. S. (2004). *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez.